



CRÍTICA À BURGUESIA PAULISTA EM “TRÊS MULHERES DE TRÊS PPPÊS” DE PAULO EMÍLIO SALLES GOMES

Julierme Sebastião Morais Souza*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
juliermehistoriador@hotmail.com

Minha perspectiva de vida conjugal era simples, serena e saudável. Trabalhar o dia inteiro para aumentar o patrimônio. Uns dois filhos. Aos domingos e feriados, passeios instrutivos. Férias anuais em praias tranquilas [...] Em suma, meus sonhos juvenis de suprema elegância, poder e cultura, tinham se reduzido a um nível bem paulista.

Paulo Emílio Salles Gomes
Três mulheres de três PPPês

Foi reeditado recentemente pela Cosacnaify o livro **Três mulheres de três PPPês**¹ do crítico de cinema, historiador e ensaísta Paulo Emílio Salles Gomes. Nesta reedição com organização e posfácio de Carlos Augusto Calil, o pequeno livro de ficção lançado originalmente em 1977 pela Perspectiva, mesmo ano da morte de seu autor, faz parte de um projeto da Cosacnaify em relançar toda a obra de Paulo Emílio até o final de 2008. Vale ressaltar que a reedição da Cosacnaify faz com que o livro pareça volumoso, porém, é em função de seu fino acabamento e qualidade do material.

Três mulheres de três PPPês é composto por três novelas que se passam em São Paulo dos anos de 1940 e cujo ambiente temático principal é a vida conjugal da burguesia paulista narrada por um dos protagonistas. Com relação à burguesia paulista,

* Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

¹ GOMES, Paulo Emílio Salles. **Três mulheres de três PPPês**. Organizado por Carlos Augusto. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

vale o destaque que Paulo Emílio não titubeava em demonstrar seu profundo mal-estar com a convivência inevitável. Sobre a estrutura do livro, a primeira novela é intitulada “Duas vezes com Helena”; a segunda “Ermengarda com H”; e a terceira “Duas vezes Ela”; o livro ainda traz o capítulo “Fortuna crítica” que consiste nas primeiras impressões causadas pelo livro de Paulo Emílio em renomados críticos que se debruçaram sobre a primeira edição da obra; e um “Posfácio” escrito pelo organizador, o qual além de fazer considerações importantes acerca das três novelas do livro, revela trechos suprimidos da edição original.



As três novelas trazem muitos aspectos em comum, todavia, digno de referência desde já, é que a especificidade do narrador fundamenta-se no sistemático horror pelo próprio nome: Polydoro, que o faz exigir de suas parceiras a omissão, a abreviação, e até alterações de pronúncia. Também é enfática a seqüência cronológica em que cada Polydoro das novelas apresentam-se, primeiro em suas lembranças moço e cheio de energias, depois homem de meia idade, e por fim já nos altos da velhice. Respectivamente estes PPPês protagonizam e narram as três novelas em que se envolvem com Helena, Hermengarda e Ela, três mulheres fortes, de traços de classe inferior e vontade insuficientemente controlada de ascensão social.

Em “Duas vezes com Helena” o autor nos conduz ao universo intelectual paulista. Neste cenário, após quase trinta anos, Polydoro reencontra seu mestre intelectual e sua esposa mais jovem, Helena. Neste segundo encontro com Helena, nas lembranças do narrador o primeiro: um intenso, mas curto caso de amor com a esposa de seu mestre e amigo, e o mal-estar provocado por seus sentimentos de angústia advindos, mais por sua abdicação à amizade do mestre, que por sua ignorância aos sentimentos de Helena, a qual nunca o olhou nos olhos. Não obstante, neste segundo encontro lhe é revelado por Helena o papel que ambos desempenharam em um plano subversivo e imoral de seu professor estéril, que desejara ter um filho, mas não tinha condições naturais para tal feito.

Desde então, tomam corpo na trama dois aspectos emblemáticos: o primeiro, um caráter notadamente arbitrário, com latentes dosagens de crueldade e hipocrisia da provinciana vida paulistana, que na sociologia política de Paulo Emílio se confunde

com burguesia paulista; o segundo, a submissão feminina, que neste caso é desvirtuada levando o leitor a confundir-se no estabelecimento das fronteiras existentes entre os interesses do marido-mestre, personificação do patriarca, e de Helena, figuração da mulher submissa, porém, operadora da função ambivalente de instrumento ativo e passivo na prática do plano impetuoso e insano. Mais tímida, todavia importante, é a surpresa do narrador ao descobrir que têm um filho, mas que rapidamente é submersa pela decepção e perplexidade de receber a notícia que este já morrerá. Também são estabelecidos componentes que vão desde a numerologia e os mistérios em que se entrincheiram as nuances da existência, passando por fatores do acaso, ou como queiram, coincidências, até ao biografismo, muitas vezes anti-real, que talvez funcione epistemologicamente em Paulo Emílio para distanciar-se do narrador Polydoro, ou somente P., como o próprio se identifica na narrativa.

Em “Ermengarda com H” um casamento falido é posto em concisa exposição. Nele a guerra dos sexos se delineia de forma que, ao mesmo tempo, instiga e subjuga o leitor a uma frenética e prazerosa condensação de sentimentos que variam da curiosidade ao ódio. Esses sentimentos variados não são exclusivos do leitor. No desencadear da trama eles acompanham a formatação de um universo ambíguo, em que o narrador Polydoro os sucede por outro diferente a cada instante, no mesmo ritmo que elabora um suposto “caráter” de sua esposa Hermengarda. O percurso é delineado por um casamento repleto de expectativas positivas, um período de muita afetividade entre os casais, outro de extrema desilusão no exercício da alteridade, até se chegar ao extremo da indiferença recíproca. Dessa forma, ganham relevo na personalidade do narrador, antes de tudo, a preocupação de ser um bom marido para a esposa, mais adiante sua vaidade intelectual perante a reação de sua esposa ao seu “Louvor à dama paulista”, e depois seu egoísmo dotado de uma demasiada capacidade de conviver passivamente por muito tempo com o comodismo, já que são nulas as tentativas de alterar o *status quo* de seu casamento falido.

Assim, esse estado de coisas vem a ter uma alteração somente quando é descoberto um suposto diário de Hermengarda, que acelera a capacidade de Polydoro em “construir” uma imagem de sua mulher a cada linha lida. Não obstante, no desfecho narrado, os fatos e as circunstâncias levam a trama para um campo frutífero de atração e traição, que se desvencilha da suposta vida real, a qual Polydoro acreditava ter, o que lhe leva à loucura. Aí aparece mais uma vez a “aparência” da vida conjugal da

burguesia paulista, com sua vertente moldada por valores que não se evidenciam na prática, deixando claro o modo de enxergar tal identidade por Paulo Emílio Salles Gomes. Também vale ressaltar os signos postados na trama, que variam desde uma “teoria de abreviaturas” formulada por Hermengarda em função de uma dificuldade com nomes completos, passando por um psicologismo nostálgico e emocional do narrador Polydoro, até uma metáfora de verdade e mentira, apropriada nas cores correspondentes aos diários de Hermengarda.

“Duas vezes Ela” é a última novela da trilogia. Na trama entram em cena os conflitos conjugais sensivelmente causados pela diferença de idade, e conseqüentemente pelo caráter dos envolvidos, elemento que para Paulo Emílio parece intrinsecamente ligado à classe social a que o indivíduo pertence. O narrador já no limiar da velhice, e Ela na juventude supostamente virginal; virgindade que promove o interesse de se casar em Polydoro, como de costume nestas ocasiões, contra as opiniões familiares. Nesse casamento “aparentemente” tranqüilo entre um idoso disposto a ensinar e uma jovem disposta a aprender surgem diversas nuances, cujos fatores carregados de elementos dos mais inescrupulosos, imorais, e sobretudo humanos, levam à decadência deste casal.

Com efeito, elemento sublime que chama a atenção de imediato, e vale destaque, são as atitudes de Ela, mulher da trama que nunca é chamada por nome em função de um apelido de infância que ficou. Com o desgaste natural do casamento entre duas cronologias que cada vez mais se distanciam em perspectivas, a situação fica incontornável, o que leva Ela a se revelar como sempre foi longe dos olhos de Polydoro: suas traições, suas mentiras, seus desvios de caráter e sua dissimulação. Entretanto, o que deixa o narrador mais perturbado é que conheceu sua esposa somente no momento exato de uma inevitável separação. Dessa maneira, também aparecem altas doses de erudição, interesses de Polydoro por literatura, uma suposta “fibra paulista” em acumular capital, emblemática na figura do médico amante de Ela. Não obstante, o que salta para primeiro plano é momento da ruptura abrupta do relacionamento do casal, no qual o narrador assume que o erro estrutural no decorrer de seu casamento teve base solidamente social, influente na ostentação de uma vida superficial em si mesma, ou seja, mais uma vez emerge a crítica à burguesia paulista ostentadora de uma supervalorizada “aparência” cotidiana.

A epígrafe no início da resenha não é mero suporte estético. Antes de tudo, ela sintetiza o fio condutor do livro: a crítica à burguesia paulista. Esta subleva qualquer

outra perspectiva de análise à sua força. Neste momento os provincianos paradigmas de superioridade de classe, ou sentimentos arrogantes e orgulhosos dignos de “paulista”, não servem para amenizar as situações colocadas pelas novelas de Paulo Emílio, e sim servem para deflagrar um movimento contrário, que invariavelmente sistematiza tudo na ridicularidade da vida hipócrita e imoral ditada por discursos de bons costumes, mas sensivelmente muito longe de seu alcance prático cotidiano.

As três novelas trazem consigo os conflitos da vida conjugal advindos do tato entre personalidades originalíssimas. Nelas é fomentada uma correlação de forças simbólicas que nos evidenciam a capacidade de Paulo Emílio em arregimentar em uma só narrativa, normas cultas e termos violadores de convenções, porém, sem vulgaridade. Paulo Emílio é um acadêmico, estudioso do cineasta brasileiro Humberto Mauro, do francês Jean Vigo. É também autor do clássico **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**,² mas demonstra nesta obra que não perdera a imaginação, capacidade tão suprimida pelo profissionalismo da pesquisa e seriedade demonstrativa que exige da linguagem a omissão de fantasias. A princípio um leitor desaperecebido classificaria a linguagem de Paulo Emílio como tradicional, não obstante, sua recorrência a artifícios não-convencionais é de demasiada importância, assim como seu aparato retórico de intenso humor, sarcasmo, ironia, e muita originalidade, que fundamentam a obra lhe atribuindo um sentido atual.

“Fortuna crítica”, como já dito, é um capítulo dedicado ao impacto imediato do livro de Paulo Emílio Salles Gomes. Nele constam alguns artigos que formam grupos de análise e outros que se situam isolados. Nessa medida, formam um caleidoscópio de perspectivas de leitura de **Três mulheres de três PPPês**. No primeiro grupo, um pequeno artigo de Zulmira Ribeiro Tavares estampado na quarta capa da primeira edição, e uma crítica publicada na *Folha de São Paulo* por José Geraldo Nogueira Moutinho buscam entender a literatura de Paulo Emílio como um desdobramento natural de sua crítica cinematográfica. No segundo grupo, um texto de Roberto Schwarz e uma entrevista de Alexandre Eulálio situam a obra de Paulo Emílio em uma corrente histórica e estética de fase naturalmente posterior e superior ao modernismo.

Uma crítica de Louzada Filho, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, nos permite vivenciar o quadro contemporâneo do lançamento da obra, possibilitando ao

² GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

leitor tomar contato com o terreno no qual Paulo Emílio formulou seu aparato contextual. Outra crítica importante é de Modesto Carone, publicada em uma revista da *Unicamp*, na qual é feita uma análise prospectiva de uma suposta teoria contida nos contos. Desse modo, Carone chega à perspectiva hipotética de que Paulo Emílio seria a imagem invertida do narrador dos contos, Polydoro. Por fim, é apresentada uma análise filológica feita por Celso Luft no *Correio do Povo* de Porto Alegre em 1983. Nela, Luft valoriza o estilo de Paulo Emílio e faz críticas às revisões embasadas nas conveniências burocráticas gramaticais da língua que descaracterizam os estilos de cada autor.

No “Posfácio” escrito pelo organizador, além de podermos ler trechos suprimidos da versão original das novelas, encontraremos uma curta, mas fértil análise de alguns aspectos da obra, e algumas curiosidades com relação às declarações de Paulo Emílio sobre escrever ficção.

Alguns leitores se perguntarão: em que reside o interesse por um livro escrito por um crítico de cinema e acadêmico, que traz três novelas ficcionais sobre vida conjugal da burguesia paulista da década de 1940? Ora, para os estudiosos do cinema brasileiro, três motivos: Paulo Emílio Salles Gomes foi o maior crítico de cinema que o país já conheceu; sua obra **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento fundamenta uma matriz interpretativa da história do cinema brasileiro; e certamente sua perspectiva de história do cinema brasileiro está intrinsecamente ligada à sua ficção. Ou seja, de forma direta ou não, nesta novela Paulo Emílio oferece subsídios em demasia para um concentrado mapeamento, digamos anatômico, de algumas perspectivas sociais e de reconhecimento de classe em seu pensamento crítico. Para os estudiosos da literatura, Roberto Schwarz caracterizou a obra como “a melhor prosa brasileira desde Guimarães Rosa” e Alexandre Eulálio escreve que Paulo Emílio “dá continuidade a Macunaíma e oferece uma resposta ao moralismo burguês de Nelson Rodrigues”.

Por esse conjunto, **Três mulheres de três PPPês** de Paulo Emílio Salles Gomes é, de fato, leitura obrigatória para os interessados em história do cinema brasileiro e literatura.

Diante disso, nos resta desejar uma boa leitura!